



MORTE E INCERTEZAS EM *DENTES NEGROS*, DE ANDRÉ DE LEONES

Bruna Messias de Oliveira (IC)^{1*}, Ewerton de Freitas Ignácio (PQ)²

1 Graduada do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás – UEG/CCSEH. E-mail: bruna_messias96@hotmail.com

2 Doutor e Pós-Doutor em Literaturas em Língua Portuguesa (UNESP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais (TECCER), da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Resumo: Esta pesquisa de cunho bibliográfico teve como objetivo analisar a maneira como o autor goiano André de Leones retratou o espaço citadino cerratense em sua obra *Dentes Negros*, averiguar as implicações disso no contexto da experiência urbano individual, bem como o modo como as cidades estão associadas à construção da memória. Foram realizadas leituras e fichamentos sobre os temas representação da cidade (Gomes, 1994; Calvino, 1990) e abandono do campo para a cidade (Ignácio, 2010), importantes para esta pesquisa. O autor na obra analisada retrata as incertezas da vida de um mundo pós-apocalíptico, os ambientes citadinos que foram devastados por uma doença misteriosa e o modo como as pessoas reagiram a isso e no que transformaram suas cidades. O vazio passou a fazer parte do espaço e da experiência do povo goiano; as mortes não deixaram apenas lembranças, mas incentivaram a violência e a individualidade. A configuração da cidade na obra não mais é feita pelo contexto, pela história e pelo movimento do goiano, e sim, pelo silêncio.

Palavras-chave: Cidade. Incertezas. Memória. Sujeito citadino.

Introdução

No romance analisado, *Dentes negros*, publicado em 2011, tem-se uma obra bem escrita, densa, que plasma um rico e profundo universo psicológico. A narrativa se desdobra de modo a criar uma distopia, evidenciando que este mundo, tal como o conhecemos, não existe mais, na medida em que foi assolado por uma doença desconhecida que não tem cura, deixando os cadáveres com a boca aberta e os dentes enegrecidos à mostra. As personagens da obra constituem os poucos sobreviventes dessa doença misteriosa que dizimou a população. Essas pessoas partem em direção a Goiás enquanto, mesmo sem perspectivas, buscam no sexo e nas relações circunstanciais uma válvula de escape para seus problemas. O cenário com que se deparam é constituído por vazios e por cidades abandonadas, carentes de sentido.



Essas figurações da experiência urbana na prosa do goiano André de Leones, longe de aproximar os seres e o contexto citadino à sua volta, desvelam aspectos de várias vivências balizadas por questões como a solidão, a ausência de uma total comunicabilidade entre o homem e seus pares, o sentimento de desnorтеio, a ausência de sólidas referências familiares, questões que, em seu conjunto, conduzem a uma sensação de tédio e de desencanto, já que as cidades criadas por Leones constituem espaços amorfos, insossos, parados, em que não surge espaço para a plena realização individual. Trata-se de lugares urbanos parados como a morte e inóspitos como o deserto: as paisagens mesmas que se deixam cristalizar no enredo de *Dentes negros*.

Os objetivos dessa pesquisa são: compreender como parte da prosa contemporânea de André de Leones tem representado o espaço urbano cerratense e goiano e averiguar as implicações disso no contexto da experiência urbana individual.

Material e Métodos

A pesquisa é de cunho bibliográfico. Inicialmente foram realizadas leituras sobre a vida e obras do autor André de Leones. Em seguida, fez-se a primeira leitura da obra a ser analisada aqui, *Dentes Negros* (2011), com o intuito de se conhecer os personagens e enredo, assim como as paisagens urbanas apresentadas nela.

Depois nos debruçamos sobre livros e artigos que apresentam temas relevantes à pesquisa, como: a representação da cidade na literatura (GOMES, 1994), o abandono do campo para a cidade (IGNÁCIO, 2010), a cidade percebida através do discurso do narrador, assim como o que o contexto citadino causa nas personagens. Foram realizados fichamentos e interpretação dos textos lidos para dessa forma serem aplicados à análise do romance.

Em seguida foi realizada a releitura da obra de Leones para um maior aprofundamento na análise, focando principalmente na representação da cidade em um mundo pós-apocalíptico; para, por fim, redigirmos os resultados finais da pesquisa.

Resultados e Discussão



Dentes negros é um romance dividido em três partes, e essa divisão permite perceber que após a doença misteriosa que dizimou o país, houve também a separação de pessoas tanto quanto separação de lugares, principalmente pela questão das cidades desertas. Isso se comprova a partir das fotografias iniciais de cada capítulo, paisagens do cerrado diferentes que ao mesmo tempo em que podem unir as personagens, as separam, tornando-as anônimas e indiferentes; a amplitude assim remete a impessoalidade (IGNÁCIO, 2010), e tais elementos remetem ao vazio tanto das cidades e paisagens como das personagens.

A vida de Hugo Silva, Renata Campos, Alexandre e Ana Maria, está ligada a vida do real protagonista da história: a doença misteriosa que afetou toda a população seja direto ou indiretamente, especialmente dos cidadãos de Goiás, estado esse que fora “arrasado”. A vida das pessoas que ainda o habita causa curiosidade, motivo pelo qual provavelmente Renata convenceu Hugo a ir visitar seu antigo lar, afinal, viver o seu passado a partir do presente que também é seu futuro, é reencontrar traços de uma vida que se fora, mas ainda poderá ser (Gomes, 1994).

Ana Maria quer viver no lugar de suas lembranças felizes, como assegura Gomes (1994) “é, portanto, a memória que condiciona a leitura da cidade, uma busca de sentido explícito e reconhecível, que a sociedade moderna já não permite” (p. 44), mesmo que tenha mudado, mesmo que a própria tenha mudado principalmente depois de ter matado alguém, ainda enxerga o campo como um “cenário de sossego, descanso, paz e tranquilidade” (Ignácio, 2010, p. 46). Já Hugo, é o típico sujeito do interior que vai para a cidade grande em busca de mudança de vida e realizações, no entanto, a complexidade da personagem vai além, Hugo também fugiu de seu passado, de suas lembranças e inclusive de sua identidade. A doença o matou interiormente depois de matar todos que amava, exceto sua prima. Logo, quando Renata pede para ele contar “alguma coisa da sua infância” (p. 18), Hugo inventa uma história, focando em uma paisagem típica do estado de Goiás, como árvores (jabuticabeira e mangueira) em um quintal grande, elementos que fariam uma mulher de cidade grande acreditar naquela leitura do lugar e do acontecido, afinal, para ele “narrar (a cidade) é transformar (transformá-la)” (p. 50) como afirma Gomes (1994).



O romance vira em torno do sexo como válvula de escape da realidade para Hugo, o que respinga consequentemente em Renata, e da violência para Alexandre, soldado que vive em meio ao dizimado estado de Goiás em uma base do exército para tentar manter a ordem e ajudar os sobreviventes. Porém, o que ajuda a fazer dessa obra um permeado de violência e sexo são as gangues que se formam com a Calamidade, em especial os Vinte e Três, que matam, roubam e estupram por prazer, mesmo que inicialmente a formação da gangue tenha sido por necessidade de sobrevivência.

Silvânia se tornou uma cidade morta na obra, então Ana Maria e a gangue dos Vinte e três, por exemplo, foram para o campo, pois no mato era mais seguro para se estar, assim, retoma-se a fala de Ignácio (2010) na qual o campo sinaliza força e esperança para as personagens. Ana Maria passou a cuidar de bichos, da casa e de uma pequena horta, esquecendo da vida antes da Calamidade tanto que nem fotografias havia em sua casa, embora a marca do porta-retratos ainda existisse na parede; as recordações já não eram mais permitidas, pois remetiam a dor da solidão. Estava sozinha como em uma ilha deserta, sem lembranças, sem família, sem amigos e sem cidade.

O que restou nas áreas mais afetadas pela doença na obra de Leones foram centros comunitários, um meio para ajudar aqueles que não quiseram sair de sua região; tratava-se de uma espécie de grande feira em Goiás dentro de um galpão onde um dia fora um pasto, mas em outras regiões parece-se mais com um *shopping center*. Essa é a paisagem depois do apocalipse, um vazio cheio de poeira no qual nada muda e onde nem mesmo as pessoas sabem o que são.

Considerações Finais

Constata-se portanto, que todas as personagens, e todos que sobreviveram, estavam infectadas pela doença, embora, como é citado no decorrer da história, o governo tenha desenvolvido uma vacina. E viver nesse novo país é retomar sempre à Calamidade; a infância, a família, os amigos, a cidade e a paisagem na qual se habita. As pessoas estavam envenenadas até os ossos e suas vivências individualistas acabaram por contaminar o ambiente.



As cidades natais já não eram mais reconhecidas, porque as pessoas que fizeram tal cidade já não existem mais, e o vazio que esses mortos deixaram é o vazio que passou a formar cada um; os mortos são mais numerosos do que as pessoas vivas (CALVINO, 1990) que qualquer um conhece e é essa fisionomia que a mente aceita em um mundo pós-apocalíptico.

Silvânia, principal cidade retratada em *Dentes negros*, ainda era uma cidade, segundo a personagem Ana Maria, mas uma cidade vazia; possuía todos os prédios, as casas e os mercados, mas sem as pessoas, e isso fora melhor para ela. Ficar vazia a fez rir, não emitia som algum e esse mesmo riso era estranho, mas para a cidade esse era seu fim, um constante sorriso vazio.

As cidades mais afetadas pela doença na obra foram dizimadas e o que restou foram estradas fechadas, poeirentas, vazias e sem movimento, retomando a um mundo vazio e deserto. O espaço citadino não é mais configurado pelas experiências urbanas, mas pela história da Calamidade e, sobretudo, pelo vazio. As pessoas já não sabem quem são, ou mesmo se viver pelas lembranças é algo bom ou ruim, somente são mais um ponto inerte em paisagens urbanas inertes.

Agradecimentos

Agradeço ao BIC/UEG (Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Goiás) e ao meu orientador professor Dr. Ewerton de Freitas Ignácio.

Referências

BAKTHIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. São Paulo: Hucitec, 1998.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução: Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

IGNÁCIO, Ewerton de Freitas. **Do campo abandonado para a cidade suportada**: campo e cidade na literatura brasileira. Universidade Estadual de Goiás, 2010.

LEONES, André de. **Dentes negros**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

SANTOS, Luís Alberto Brandão e OLIVEIRA, Silvana Pessoa. **Sujeito, tempo e espaços ficcionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.